

Estatais não pagam contas

RIO — Quando se fala em "rombo" nos orçamentos governamentais, pensa-se logo na Previdência Social e na dívida interna, eternos símbolos do desarranjo financeiro estatal. Mas mesmo em empresas eficientes como a Petrobrás, nem sempre as contas fecham como deveriam.

Por isso, a estatal, um dos 50 maiores complexos empresariais do mundo, locomotiva do mercado de ações brasileiro, normalmente é obrigada a conviver com monumentais calotes, dados por outras áreas do próprio governo.

Apenas o setor elétrico — Eletrobrás e subsidiárias —, cujas termelétricas dependem do óleo combustível da empresa, devia à Petrobrás, até o dia 20 de setembro, Cz\$ 157 bilhões. A este valor, somam-se os atrasos da Rede Ferroviária, dos departamentos de estradas de rodagem, federal e estaduais, e das usinas siderúrgicas da Siderbrás. E o rombo nos cofres da Petrobrás já chegava, em 20 de setembro, a Cz\$ 190 bilhões, o equivalente a US\$ 520 milhões, cifra assustadora em qualquer lugar do mundo.

CONTA ÁLCOOL

Os rombos na contabilidade da Petrobrás não param aí, pois a estatal também banca a diferença que existe entre o preço pago pelo álcool aos usineiros e o cobrado do consumidor nos postos de abastecimento — o primeiro mais alto que o segundo. A União é quem paga o subsídio, mas, como os pagamentos não estão em dia, a Petrobrás, no final do mês passado, dava por falta de Cz\$ 70 bilhões em função dessa operação.

Ainda há técnicos que defendem a tese de que dívida não é para ser paga, mas rola da, princípio muito em voga quando as autoridades acreditavam que os banqueiros internacionais jamais colocariam o Brasil na lista de inadimplentes. A Petrobrás, é certo, nunca levará para protesto uma promissória de outra estatal. Mas são rombos como esses que estouram no bolso do consumidor na forma de aumentos dos bens e serviços fornecidos pelo Estado. Afinal, parte dos reajustes de várias tarifas públicas se deve ao peso dessas dívidas.